



## AÇÕES EDUCATIVAS COM ARTE CONTEMPORÂNEA: LUGAR DE EXPERIÊNCIA E DE PRÁTICA DOCENTE

Valeria Fabiane Braga Ferreira Cabral  
valeriafabiane.ead@gmail.com  
Faculdade de Artes Visuais - UFG

Irene Tourinho  
irenetourinho@yahoo.es  
Faculdade de Artes Visuais - UFG

ISSN 2316-6479

### Resumo

Este trabalho apresenta um relato de investigação que está sendo realizada com alunos e alunas do Programa Pró-Licenciatura, do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, modalidade à distância, da Universidade Federal de Goiás. Algumas ações educativas desenvolvidas em espaços culturais da cidade de Goiânia em 2009, 2010 e 2011 são deflagradoras e propulsoras de discussões que incitam reflexões sobre as propostas realizadas para nos ajudar a elaborar formas de compreender algumas das inquietações que norteiam esta investigação e que podem ser sintetizadas na questão: como essas ações educativas impactam, reverberam e (re)constroem a prática docente desses alunos/as/professores/as?

**Palavras-chave:** ações educativas, prática docente, arte contemporânea.

### Abstract


This work presents a report of an investigation that is being developed with students of the E-learning Teacher Training Degree Program in Visual Arts of the Federal University of Goiás. Educational experiences held in cultural spaces of the city of Goiânia in 2009, 2010 and 2011 are triggering and driving questionings that incite discussions over the developed educational proposals in order to elaborate ways of understanding some concerns that guide this investigation and that can be briefly expressed through the question: how these educational activities impact, reverberate and (re)build the teaching practice of these students/teachers?

**Keywords:** educational actions, teaching practice, contemporary art.

### Caminhando (quase) solitária na poeira de uma estrada

Venho investindo na minha formação profissional e acadêmica desde os anos 80 quando comecei a atuar como professora em uma escola infantil privada da cidade de Anápolis, Goiás. Minhas responsabilidades de trabalho com crianças e, especialmente, um forte interesse por propostas educativas que promovessem a interação entre arte contemporânea e experiências coletivas e dialógicas me levaram à formação universitária, iniciada em fins dos anos 90, em Goiânia, no Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás.

Por alguns semestres, o trabalho na escola se manteve paralelamente ao Curso, cedendo devagarinho lugar para uma dedicação cada vez maior à minha




formação acadêmica e profissional como docente. Depois de algum tempo, me vi exclusivamente concentrada nas aulas e atividades da universidade. Porém, em meio à poeira daquela estrada iniciante, daquela escola que me permitia experimentar com poucas exigências burocráticas que geralmente estruturam um sistema formalizado de ensino, recordo como fator saliente a motivação profundamente pessoal que impulsionou as decisões que guiaram minhas opções posteriores. Especificamente, minha atuação na escola e, posteriormente, o Curso de Licenciatura, me incentivaram a usar e envolver-me com minhas próprias experiências na pesquisa sobre a minha prática docente. As propostas e interações que projetava tinham como nutriente e, mais uma vez, a motivação de entrecruzar arte contemporânea, ações educativas e formação de professores.

Dentre os trajetos escolhidos e percorridos, o Mestrado em Cultura Visual (FAV/UFG), finalizado em 2006, destaca-se como mais uma etapa em que o tripé ação-educativa, arte contemporânea e formação docente ocupou e estendeu minhas inquietações investigativas. Na escola privada, ainda na década de 80, as propostas de ação educativa com crianças ficavam reduzidas às interações no próprio ambiente escolar, apesar de que tínhamos a preocupação de criar, de alguma maneira, espaços que possibilitassem uma aproximação física e lúdica com os objetos em exposição, ou seja, transformando o ambiente na expectativa de também transformar o olhar, a experiência de ver.

Ampliando o desejo de incentivar interações dialógicas com arte contemporânea, o grupo de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Licenciatura (FAV/UFG/2002) do qual fiz parte projetou uma experiência em espaço expositivo da cidade, tendo como foco produções do artista plástico Pitágoras<sup>1</sup>. Continuando nesta estrada, a pesquisa de mestrado desenvolveu-se em torno de um projeto de natureza semelhante ao do TCC envolvendo alunos e alunas de uma turma de Educação de Jovens e Adultos de uma Escola Pública Estadual. Levamos a turma para visitar exposições no espaço da Galeria da Faculdade de Artes Visuais da FAV, assistir vídeos com temáticas sobre arte contemporânea, relatar experiências com imagens, fotografar-se em ambientes familiares e preferidos, além de produzir artesanalmente uma tapeçaria para enfeitar um espaço da casa. Nas visitas às exposições, a intenção era provocar os alunos/as a comentarem sobre o que viam, inter-relacionando os trabalhos com suas vivências e situações do cotidiano. “Mantinha meu interesse na forma como os alunos(as) percebem sua experiência com imagem, nas narrativas que constroem – identificações, associações, vínculos – sobre o processo e vivências em sala de aula e na galeria” (FERREIRA, 2006, p. 22).

1 <http://martepotrich.blogspot.com.br/>




Não há uma forma fácil de contar aos outros como se viveu – ou como se vive - uma experiência educativa, formativa, criativa. Elas não são, afinal, apenas uma experiência, mas algo que afetou e continua afetando cada aspecto da minha vida: meus humores, ideais, trabalho e minhas reações aos embates e curiosidades com as quais me deparo no stress e nas conquistas do dia-a-dia da docência.

Tenho enfrentado dilemas, obstáculos e desafios em um processo que vejo elaborado e reconstruído através de contínua reflexão. Nutro estas reflexões com minhas próprias propostas práticas, com relatos que alunos(as) compartilham *online* e *off-line*, conversas com colegas, tutores(as), autores(as) e, certamente, com leituras e depoimentos que reforçam e ajudam a me construir enquanto aprendiz/investigadora da minha própria prática docente. Os dilemas, obstáculos e desafios que venho enfrentando abarcam questões que dizem respeito não apenas a maneiras de elaborar e argumentar acerca de concepções de ensino e propostas educativas, mas, também, de experimentar o ir-e-vir entre concepção e prática, pensar e fazer, teorizar e re-fazer. Os modos como vou delineando as propostas, as interferências que recebo dos alunos, as circunstâncias que alteram o planejamento são, igualmente, práticas que me educam, que podem ser educativas, e que atraem meu interesse e curiosidade por este circuito de conceitos – arte contemporânea, ação educativa e formação de professores - que tem ativamente participado do meu cotidiano docente e de pesquisadora. Dessa maneira tenho refletido sobre as ações educativas brevemente relatadas enquanto partes de um bloco de pesquisas que desenvolvi desde 2002.

Atualmente, dando sequência ao interesse de entrecruzar ação educativa, arte contemporânea e formação de professores, ministro disciplinas na sala de aula do ambiente digital e trabalho de forma colaborativa com diversos atores, professores (as) e alunos (as) do Programa Pró-Licenciatura, com objetivos comuns em torno dessas iniciativas. Nosso projeto tem se concentrado em planejar e realizar, em espaços culturais da cidade, ações educativas envolvendo participantes do referido Programa. Em 2009, 2010 e 2011, algumas iniciativas foram levadas à cabo intensificando meu desejo de continuar caminhando nessa estrada a partir da posição em que hoje me encontro: docente/participante/investigadora de um curso de Licenciatura em Artes Visuais na modalidade à distância.

Este percurso, empoeirado no início da estrada, encontrou crianças, espaços escolares, Jovens e Adultos, Alfabetização, artistas contemporâneos, espaços expositivos, debates e discussões com curadores e filósofos. Encontrou, ainda, práticas, relatos, docentes e alunos (as) em processo de formação, responsáveis pelo ensino de arte, atinados e sintonizados com as questões emergentes da



cultura visual. Inquietos e com a necessidade de dialogar compráticas/poéticas visuais contemporâneas, estes atores buscam abrir caminhos reflexivos para “nos levar a despegar-nos de convicções rígidas, predispondo-nos a negociar identidades e a nos transformarmos” (TOURINHO, 2011, p.14).

### **Estradas para dar, fazer e levantar poeira: negociando inquietudes**


Minha identidade de professora na modalidade à distância vem encontrando e fazendo emergir uma série de questões com as quais vou negociando, sem a pretensão de responder a todas. Algumas questões parecem velhas conhecidas; umas surpreendem; outras são enganosas: parecem simples e se transformam em ‘monstros’, ou, ao contrário, primeiro assustam e depois tornam amigáveis.

Estar como docente/participante/investigadora e aprendiz com os(as) estudantes na modalidade à distância tem incrustrado e traçado na minha experiência novas formas de interagir com o conhecimento, com os(as) alunos(as), com o campo de pesquisa (sala de aula no ambiente digital) e com as dimensões espacial e temporal redimensionadas pelas tecnologias. Assim, a este entrecruzamento que expus como crucial na minha pesquisa (arte contemporânea, ação educativa e formação de professores) agrego suspeitas e interrogações que, além de me reposicionarem, perturbam meus olhares sobre ‘ensino’, ‘aprendizagem’, ‘interação’, ‘arte’, ‘experiência’.

Perturbam-me, levando adiante provocações que os atores da pesquisa discutirão e analisarão – colaboradores(as) e eu - sobre como ações educativas com/sobre/entre/através da arte contemporânea impactam e reverberam no modo como ensinamos, como queremos ensinar, como contribuimos para aprendizagens de outros e nossas.

As negociações de inquietudes – identidades inquietas - com as “porções de territórios” que queremos pesquisar alteraram a convivência entre os participantes durante este processo de trocas e realizações online e off-line e, para conseguir que o ‘objeto bruto’ de pesquisa se torne “nosso objeto de pesquisa” (CORAZZA, 2002, p. 358) tenho problematizado e estimulado os alunos(as) a questionar, desfigurar, reler e reescrever sobre como se veem docentes de arte. Seguindo Corazza, estamos intervindo, reflexivamente, num processo onde “interrogamos, fazemos as perguntas de pesquisa, relativizamos os sentidos, suspeitamos das significações, desassossegamos o que parecia sossegado” (p. 358).

Em princípio, tomar a arte contemporânea como objeto de pensamento para ações educativas que visassem contribuir para a profissionalização docente incorporava uma vasta gama de inquietações: Que conceitos podem



ser relacionados para dar conta desses três eixos da investigação? Como sistematizar relações entre os conceitos elegidos? Como os(as) alunos(as) conectam conceitos teóricos – que aprendem com leituras e pesquisas – e conceitos cotidianos que tem sobre arte, educação, docência?

Fomos nos dando conta de que “as escolas são lugares onde o mundo é tratado como “objeto de pensamento” (YOUNG, 2011, p. 615) e, para este estudo, também queríamos pesquisar o mundo – especificamente o da arte, da imagem e da educação - como “lugar de experiência”. Young (2011) nos alerta que para

os alunos, passar de seu mundo cotidiano, no qual conceitos são desenvolvidos por experiência em relação a problemas que surgem em contextos específicos, para o mundo da escola, que trata o mundo como um objeto sobre o qual se pensa, pode ser uma experiência ameaçadora e mesmo estranha (p. 617).

Queremos, neste caso, não uma substituição ou uma superação entre estes limites e devires. O intento é, juntos, discutirmos sobre a diversidade, a dinâmica e a distinção que pode nos levar a compreender nossas vivências artísticas como “objeto de pensamento” assim como “lugar de experiência”.

Neste estudo, os participantes, estudantes do **Programa Pró-Licenciatura**, são profissionais que atuam como professores de arte na rede pública, nos sistemas estaduais e municipais de educação. A especificidade dos participantes deste programa é que eles (as) não são licenciados na disciplina em que estão exercendo a docência. Ou seja: são professores(as) de arte, mas não tem formação institucionalizada na disciplina/área. Isso significa que há um trânsito que necessita ser escrutinado, desvelado, para promover capacidades de tecer redes entre ‘objetos de pensamento’ e ‘lugares de experiência’ onde arte, educação e docência possam se encontrar.

A diversidade destes participantes inclui sete turmas divididas em cinco cidades pólos: Goiânia (3 turmas) Firminópolis, Ceres, Catalão e Jataí totalizando 133 alunos(as). Para essa pesquisa convidamos a colaboração de três alunos de cada polo, integralizando um grupo de vinte e um alunos/as. Os procedimentos para reunir este grupo, para estabelecer condutas de compromisso e participação serão tratados em outro artigo. Neste, apresento de maneira breve, os contextos e situações que foram configurando a pesquisa, visando mostrar, primeiramente, percursos que se construíram em meio a poeiras que se esfumam durante a caminhada do estudo. É como um exercício de criar um mapa para guardar na memória o que será estudado.



## Por estradas caminhadas: Ações educativas em espaços culturais


Em 2009, 2010 e 2011, três ações educativas foram construídas de forma colaborativa para incitar discussões e reflexões a partir do contato com poéticas visuais contemporâneas em espaços culturais e no ambiente digital. Práticas educativas que me permitem (re)pensar, (re)construir minha trajetória docente e acreditando na “educação como o processo de reconstrução e reorganização da experiência”. Através de tais processos, além de aguçar o sentido da experiência, “nos habilitamos a melhor dirigir o curso de nossas experiências futuras”(TEIXEIRA, 1975, p. 17).

A ação em 2009, com a colaboração de tutores (as) e professoras do programa, aconteceu via um encontro presencial em Goiânia, durante dois dias do mês de maio. Essa primeira ação envolveu visita à exposição ‘*A(i)nda desenho*’, do artista plástico Glayson Arcanjo<sup>2</sup>, realizada na Galeria da Faculdade de Artes Visuais. Envolveu, ainda, palestras com temáticas que deram ênfase à arte contemporânea na formação de professores(as), a exibição do vídeo: “*Isto é Arte*” – discussão do filósofo Celso Favaretto (Série Itaú Cultural) e um momento para reflexão em grupo visando um diálogo com o fazer artístico buscando estabelecer relações com as disciplinas do semestre<sup>3</sup>. Um dos objetivos da proposta foi criar, através das poéticas visuais, links com o outro e com o mundo que nos cerca, compreendendo que as poéticas visuais condensam experiências que possibilitam um sentido de pertencimento, de reconhecimento individual, cultural e social.

Em outubro de 2010 realizamos, na Galeria Marina Potrich e na Galeria da Faculdade de Artes Visuais/UFG, a segunda ação educativa. As propostas foram orientadas por Joanna Pena, colaboradora e tutora do curso. Contou, também, com a mediação de alguns alunos (as) da modalidade presencial do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Faculdade de Artes Visuais. A ação desenvolvida na Galeria da Faculdade de Artes Visuais foi proposta por mim, pela tutora Joana Pena e pela professora Noeli Batista. Também participaram a artista e professora Manoela Afonso e alguns outros tutores do Curso. Esta segunda ação foi planejada em 4 etapas: (a) discussões sobre videoarte no ambiente digital; (b) visita à exposição *Intermitência*, da artista Anna Beatriz Azevedo (Galeria Marina Potrich); (c) diálogo e reflexões com/sobre o fazer artístico, e (d) comentários no fórum, no ambiente digital de aprendizagem.

2 <http://www.glaysonarcanjo.blogspot.com.br>

3 As três disciplinas do semestre eram: Antropologia Cultural; Ateliê Bidimensional – desenho; A psicologia e a construção do conhecimento.




A terceira ação aconteceu em outubro de 2011. Assim como a ação anterior, estatambémfoi projetada em etapas, ou seja: (a) discussões no ambiente digital sobre a trajetória da arte contemporânea em Goiás, (b) palestras sobre arte contemporânea e cultura popular, (c) visita ao Museu Aberto na praça Universitária com mediação da colaboradora Joana Penna, (d) visita e conversa com oartista e Diretor do Centro Cultural da UFG, Professor Carlos Sena, (e) diálogo e exercíciocom/sobre o fazer artístico, e (6) reflexões e comentários no fórum, no ambiente digital de aprendizagem.

As etapas das ações 2 e 3 enfatizaram a aproximação entre alunos (as) e espaços culturais estimulando questionamentos e problematizações sobre fazer artístico/docente. Buscavam estimular propostas pedagógicas para contextos educativos fora do espaço escolar formal, ou em sintonia com ele, projetando diálogos com o mundo através de práticas/poéticas contemporâneas. A construção de diálogos busca ampliar e deslocar narrativas para instaurar possibilidades de percepção e recepção, ou seja, formas diversificadas de interação com imagem e arte visando “retomar relatos existentes para construir novos relatos onde eu estou incluído, onde eu participo, onde eu coloco meu olhar” (HERNÁNDEZ, 2004, p. 5). Visando, em outras palavras, retomar relatos onde o ‘eu’ docente esteja incluído enquanto “objeto de pensamento” e “lugar de experiência” (YOUNG, 2011).

As falas, nos fóruns do ambiente digital, abrem espaços para temas que possibilitam compreender aspectos da relação entre arte, experiência e educação, entrelaçadas às novas tecnologias. Desta forma, o fórum passa a ser um locus privilegiado como ponto de encontro para acessar o conhecimento, discuti-lo, depurá-lo e transformá-lo (MORAN, et. al., 2000, p. 73). Para uma das estudantes, comentário feito no ambiente virtual, sobre a segunda ação, essa experiência proporcionou

*uma imersão na arte contemporânea, cujas obras de vídeoarte nos propiciaram a associação da arte às inovações tecnológicas, sendo utilizada uma linguagem artística de destaque, porém pouco compreendida ainda.*

Uma colega concorda e expõe seu pensamento acrescentando que “a exposição *Intermitência* representou um grande avanço em nossa caminhada no conhecimento da arte”. Se “a ação sempre estabelece relações” (ARENDDT, 1995, p. 203) as inquietações e reflexões geradas em ações educativas e seus significados podem contribuir com “a mudança de posicionamento dos sujeitos” para proporcionar a ruptura de um discurso naturalizado “de que as coisas são como são e não podem ser pensadas de outra maneira” (HERNÁNDEZ, 2011, p. 38).



Além dos diversos comentários que geraram conversas entre colegas sobre quais seriam os conhecimentos construídos, apareceu também, na fala de uma aluna, um (re) pensar sobre sua prática docente em sala de aula:

Essa ação educativa me fez repensar: O que eu devo ensinar nas aulas de arte? Seria mais próximo de nossos alunos trabalhar um pouco mais com artistas goianos? Que tipo de conhecimento queremos que o aluno tenha? Quais significados?

Questionamentos como estes, apesar de não terem sido discutidos ou problematizados no fórum, podem orientar propostas de experiências futuras pois

hoje sabemos que, na formação, o educador aprende quando se sente “tocado”, quando encontra espaço para que sua experiência se converta em fonte de saber - um saber que lhe permita reconhecer-se, descobrir o outro e ser reconhecido; um saber que vá além da ação imediata e que se projete em uma atividade que o ajude a aprender consigo mesmo e, sobretudo, que o comprometa (*HERNÁNDEZ e SANCHO, 2007, p.014*).

Nesse caminhar, faz-se necessário o diálogo com a prática docente para provocar e acolher palavras, ideias, reações e sentimentos que deixem transfigurar mundos, possibilitando aproximações com a subjetividade dos indivíduos e, em decorrência, o desenvolvimento da capacidade e compreensão crítica como um processo contínuo de aprender a aprender. Este diálogo também visa impulsionar argumentos em favor da necessidade e importância da pesquisa docente como

investigação sistemática e intencional realizada pelos ‘ensinantes’, tornando acessível parte da perícia docente e aporte às universidades e às comunidades educativas perspectivas únicas sobre o ensino e a aprendizagem. (*COCHRAN-SMITH e LYTLE, 2002, p. 29*)


### **Levanta, sacode a poeira e olha em volta...**

Poetas foram precisos ao dizer que “o caminho se faz ao caminhar”. Enquanto passavam os semestres letivos, catava indícios, sinais, imagens, e histórias que me dessem ideias, pontos de interesse e argumentos para compreender impactos destas iniciativas no trabalho docente dos participantes e, como enfatizado, no meu próprio trabalho docente. Revisando e sacodindo situações, acontecimentos, falas e depoimentos, tomamos interesse pelos planos de aula que esses estudantes construíram em grupos. Ficamos atentas

---

4 A paginação corresponde à do documento encontrado na internet, referenciado na bibliografia.





e sistematicamente observamos, relemos e tentamos organizar uma proposta da disciplina de Estágio Supervisionado I (primeiro semestre de 2010) e Estágio Supervisionado II (segundo semestre de 2010) tendo em vista a elaboração de planos de aula que vinculassem arte contemporânea e ação educativa. A proposta fazia parte das disciplinas que estávamos ministrando, concomitante às vivências das(os) alunas(os) com estas ações educativas.

Em cada disciplina os alunos(as) foram solicitados a elaborar uma proposta de intervenção pedagógica a ser desenvolvida nas escolas que estavam estagiando. Ao todo foram 25 planos de aulas (divididos pelos grupos entre as cinco cidades/pólos) para cada semestre e disciplina de Estágio.

Nesse planejamento para as disciplinas de Estágio I e II (primeiro e segundo semestre de 2010), observamos que as artes visuais como “objeto de pensamento” e como “lugar da experiência”, ainda se pautam por e enfocam princípios modernistas. Ações com/através/sobre poéticas visuais contemporâneas tiveram, até onde pudemos observar, pouca reverberação em relação à totalidade dos planos de aula. Sem a utilização de referências imagéticas, nomes de artistas do modernismo brasileiro ou das vanguardas europeias parecem reafirmar “uma arte/educação modernista focada exclusivamente nas belas-artes” (DUNCUM, 2011, p. 21).

Analisando os planos de aula desses estudantes incorporamos mais dúvidas que se traduziram em outras interrogações: Por que nas falas de alunas as experiências com as poéticas visuais contemporâneas estão presentes, são consideradas importantes, mas tornam-se invisíveis nos planos de aula? Por que imagens de produções poéticas visuais contemporâneas são silenciadas? Que práticas, atitudes e interesses pessoais essas experiências- com ações educativas e com elaboração de planos de aula - estão motivando?

Para tentar desvelar impactos e reverberações dessas experiências na vida docente desses futuros arte/educadores/as, nos concentramos, neste texto, na importância dos planos de aula e nas falas dos/as estudantes registradas durante a exposição de 2009 e nos fóruns realizados no ambiente digital (2010 e 2011). Na dinâmica de interação do processo de educação à distância podemos visitar e revisitar as falas dos/as alunos/as e investigar minha/nossa própria prática docente, ou seja, fazer docência como pesquisa do outro e de si mesmo, de ações e narrativas.

Essa investigação tem suscitado ideias a partir de propostas que se materializam nas narrativas – falas e manifestações escritas - dos/as alunos/as sobre as quais nos debruçamos para tecer e elaborar interpretações que analisam como ação educativa, prática docente e vivências pessoais com poéticas contemporâneas se relacionam.



## Referências

ARENDDT, Hannah. *A condição Humana*, 7 ed. Rio de Janeiro: Revista Forense Universitário, 1995.

COCHRAN-SMITH, Marylin e LYTLE, Susan. *Dentro/Fuera* – Enseñantes que investigan. Madrid: Ediciones AKAL, 2002.

CORAZZA, Sandra Mara. Manual infame... mas útil, para escrever uma boa proposta de tese ou dissertação. In: BIANCHETTI, Lucídio, MACHADO, Ana Maria (Orgs.). *A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002, p. 361-370.

DUNCUM, Paul. Por que a arte-educação precisa mudar e o que podemos fazer. In: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (Orgs.). *Educação da cultura visual: conceitos e contextos*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011.

FAVARETTO, Celso. *Isto é arte?*(Entrevista). São Paulo: Itaú Cultural, 2000. Fita. Videocassete (12min): vhs, ntsc, color, port.

FERREIRA, Valéria Fabiane Braga. *Imagem e arte na educação de adultos: ver, fazer, falar e refletir em um processo de alfabetização*. 2006.116p. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Artes Visuais/UFG. Goiânia, 31 de agosto.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Arte e Cultura Visual em Debate*. Jornal da Fav, Goiânia, n.7, setembro de 2004. p. 4-5. Entrevista.

HERNÁNDEZ, Fernando e SANCHO, Juana Maria. *A formação a partir da experiência vivida*. Disponível em <[http://www.revistapatio.com.br/numeros\\_antteriores\\_conteudo.aspx?id=496](http://www.revistapatio.com.br/numeros_antteriores_conteudo.aspx?id=496)>. Acesso em: 02/09/11.

MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos T. BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas Tecnologias e mediação pedagógica*. São Paulo: Papyrus, 2000.

TOURINHO, Irene. *Ver e ser visto na contemporaneidade. As experiências do ver e ser visto na contemporaneidade: por que a escola deve lidar com isso?* Disponível em <<http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/14380009-CulturaVisual.pdf>>. Acesso em 07/08/11.

TEIXEIRA, A. “A Pedagogia de Dewey” (Estudo Introdutório). In: John Dewey, *Vida e Educação*. São Paulo: Melhoramentos, 1975.

YOUNG, M. F. D. O Futuro da educação em uma sociedade do conhecimento: o argumento radical em defesa de um currículo centrado em disciplinas. Trad.: Laura Beatriz Áreas Coimbra. *Revista Brasileira de Educação*, V. 16, N. 48. set-dez/2011.



## Minicurrículos

Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral é Professora Assistente da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, docente e coordenadora pedagógica (2012) do Programa de Extensão Arte na Escola-Goiás. É mestre em Cultura Visual pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás e doutoranda em Arte e Cultura Visual pelo mesmo Programa.

Irene Tourinho é Professora Titular da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, docente e coordenadora (2009/2013) do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual – Mestrado/Doutorado, Mestre pela Universidade de Iowa, Doutora (Ph.D) pela Universidade de Wisconsin – Madison (EUA) e pós-doutora pela Universidade de Barcelona, Espanha. Foi professora visitante na Universidade Ambedkar, em Nova Delhi, Índia.